

Dárlin fulgídia



Comentário sobre o livro *Dárlin*, de Airton Paschoa, recém lançado em segunda edição revista

Por **Daniel Brazil***

A narrativa-correnteza de Airton

Paschoa é acidentada. Tropeça em dilemas morais, volteia por desejo e frustração, encaracola-se em presenças e ausências e revela uma beleza tortuosa, como um riacho de montanha engordado por chuva repentina. A tempestade é provocada pelo surgimento de Dárlin na vida do narrador, um homem maduro e casado que vislumbra na jovem Darlene (garota de programa? jovem sem-teto? anjo decaído?) a redenção de sua mediocridade.

Em pouco mais de 60 páginas, a silhueta fulgídia de Dárlin cintila na Avenida Paulista, se desvanece na penumbra de um casarão onde casais de respeito praticam *swing*, se revela num banheiro público, se multiplica numa passeata rumo à Praça da Sé. São 121 passos-capítulos, que formam o mosaico de epigramas, interrogações, poemitos, angústias e sarcasmos desta via-sacra laica.

Inconformista, a escrita de Paschoa não se submete a tendências literárias da moda, mas revela referências universais. A insubmissa Dárlin é uma Nadja tropical, e impõe um clima de surrealismo poético e decadente à confissão embriagada do protagonista. Ao mesmo tempo, a narrativa assume os tons de um realismo alucinado, de uma *Traumnovelle* brasileira, irisada e sintética. Fugindo do lugar-comum, o riacho revoltado não morre num pântano de platitudes: permanece em território escarpado, fustigando a imaginação do leitor.

***Daniel Brazil** é escritor, autor do romance *Terno de Reis* (Penalux), roteirista e diretor de TV, crítico musical e literário.

Referência

Airton Paschoa. *Dárlin*. 2ª. edição revista. São Paulo, e-galáxia, 2020 (<https://amzn.to/47EJUTt>).